



## A Notícia Cômica: um novo formato de construir a opinião pública<sup>1</sup>

Bianca Teixeira MORELLI<sup>2</sup>

Denis Porto RENÓ<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

### RESUMO

O presente trabalho se debruça nas discussões sobre gêneros jornalísticos, mais especificamente sobre o jornalismo caricato, ou seja, quando se utiliza o humor como ferramenta para transmitir uma informação. Respalhando-se nas definições propostas por Marques de Melo (2003), baseando-se nas teorias do jornalismo apresentadas por Traquina (2005) e Pena (2005) e fundamentando-se nos ensinamentos de Halperín (2008) e Yanes (2004) sobre as técnicas de entrevista, entre outros autores, esta pesquisa se propôs a analisar o humor como um recurso legítimo e colaborador no desempenho do jornalismo. Como *corpus* de análise utilizamos o quadro de entrevistas do programa talk show “The Noite com Danilo Gentili”, exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; telejornalismo; humor; opinião pública.

### 1 Introdução

Entender o jornalismo contemporâneo e suas linguagens diversas é um desafio. Entretanto, tal entendimento torna-se fundamental para o desenvolvimento do mesmo. Esse foi o estímulo desta pesquisa, que buscou identificar o programa “The Noite com Danilo Gentili” dentro das técnicas do jornalismo. Para isso, partiu-se da classificação de gênero opinativo da modalidade caricato no jornalismo brasileiro, realizada por Marques de Melo (2003), em seu livro *Jornalismo Opinativo*, conscientes de que a discussão pode provocar diversas opiniões, favoráveis e contra.

Marques de Melo utiliza como base a divisão feita por Luiz Beltrão, mas adiciona novas categorias, especialmente o jornalismo caricato. Segundo o autor, “enquanto gênero jornalístico, a caricatura cumpre uma função social mais profunda que a emissão rotineira de opinião nos veículos de comunicação coletiva” (MARQUES DE

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Jornalista pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital: informação e conhecimento, da mesma instituição. Email: [btmorelli@gmail.com](mailto:btmorelli@gmail.com).

<sup>3</sup> Jornalista, doutor em Comunicação Social (UMESP), é professor do programa de graduação em Jornalismo e Pós-Graduação em Televisão Digital: informação e conhecimento da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Orientou a pesquisa. Email: [denis.porto.reno@gmail.com](mailto:denis.porto.reno@gmail.com)



MELO, 2003, p. 166). Portanto, a utilização de imagens e textos com características exageradas ou deformadas para denunciar um fato ou um comportamento, cumpria (e cumpre) a função do jornalismo de forma mais rápida e eficaz que as outras formas de texto opinativo, como os editoriais, por exemplo.

A partir do estudo das bibliografias sobre o uso do humor no jornalismo e da análise dos recursos, técnicas e temáticas utilizados pelo apresentador ao longo das entrevistas do *corpus* de análise, foi analisado se o humor não é somente um recurso legítimo do jornalismo, como pode ser um mecanismo mais democrático na difusão das informações, graças à linguagem simples, leve e direta que o tom humorístico possibilita.

Utilizando o método científico da dedução, parte-se da hipótese de que o uso do humor no jornalismo não descaracteriza, tampouco impede o desempenho do papel social esperado deste profissional.

Iniciou-se este estudo com pesquisas bibliográficas em livros, artigos, entre outros recursos, para fundamentar as técnicas jornalísticas, principalmente as utilizadas em entrevistas televisivas.

Enquanto *corpus* de análise, optou-se pelo programa televisivo “The Noite com Danilo Gentili”, estreado em março de 2014 no Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT. Ao observar o quadro de entrevistas do programa, com uma grande variedade de convidados e temas, de duração média de vinte minutos, constatou-se a singularidade com que Gentili conduz o programa. Portanto, considerou-se válido estudar essa relação entre jornalismo e humor, certas vezes mal vista ou mal interpretada.

Após a pesquisa bibliográfica, estabeleceu-se, então, uma busca teórica e prática, utilizando como técnica de pesquisa a análise de conteúdo. Acreditou-se que a forma mais justa de analisar e comparar as características do “The Noite com Danilo Gentili” com outros programas jornalísticos tradicionais e comprovar a proximidade existente entre ambos, foi realizando uma minuciosa observação dos recursos técnicos, temáticos e de linguagem, utilizados por Danilo Gentili.

Portanto, as considerações finais foram possíveis ao correlacionarem-se as características e técnicas levantadas na análise dos programas de Gentili com os modelos padrões de telejornalismo, com apoio aos manuais de telejornalismo escritos por Barbero e Lima (2002) e Paternostro (2006).



## **2 Jornalismo Opinativo: humor e notícia**

A discussão sobre quais foram as primeiras publicações jornalísticas, e, conseqüentemente, o que caracteriza um material como jornalístico é longa e não encontra um consenso entre os teóricos. Estudiosos de vários países se contrariam e apresentam diferentes exemplos e argumentos. Neste trabalho, tomou-se como características de uma publicação jornalística àquela proposta por Pena (2005), a qual se assemelha também a proposta de Marques de Melo (2003).

Pena (2005) determina como características jornalísticas a periodicidade, a atualidade, a universalidade e a publicidade. Todos esses aspectos, apesar de terem significações individuais bem definidas, só podem ser totalmente compreendidos se forem aplicados em conjunto, ou seja, associados uns com os outros. Apenas um ou dois desses itens não são suficientes para definir uma publicação como jornalística.

Por exemplo, só é possível entender a periodicidade como uma característica legítima do jornalismo quando relacionada à atualidade e a publicidade, que nesse caso entende-se como divulgação e distribuição do produto, e não como propaganda comercial. Ou seja, uma publicação produzida e divulgada com regular frequência precisa ter informações atuais (e não novas) e de interesse público, senão seria apenas informações para consulta.

Definidas as características jornalísticas, a próxima questão a ser discutida foi sobre as categorias que o jornalismo pode ser enquadrado. Segundo Marques de Melo (2003), pode-se considerar duas categorias fundamentais no jornalismo: o informativo e o opinativo. A divisão do jornalismo nessas duas categorias é um consenso entre profissionais e estudiosos da área e embasa outras possíveis categorias. Como ainda pontua o autor, concepções ideológicas do meio e o modo de produção econômico que caracteriza a sociedade em questão resulta na criação de outras categorias ou subcategorias dentro das fundamentais.

O jornalismo informativo, como o próprio nome sugere, tem a papel de informar, cabendo ao jornalista a função de observador dos fatos, sendo responsável por divulgá-lo sem opinar. O repórter pode tanto observar em tempo real, como se informar dos acontecimentos por meio de fontes que vivenciaram o ocorrido ou tenham informações relevantes para acrescentar.

O conhecimento dessas informações por intermédio das fontes é possível graças à técnica de entrevista, a qual atualmente nos parece muito corriqueira e inseparável da produção jornalística, mas que, segundo o teórico português Traquina (2005, p. 60-61),



“apesar da disputa histórica em torno da data da primeira entrevista (SCHUDSON, 1994, p.566), a utilização da entrevista apenas começou a ser uma prática recorrente nos anos 1870”.

Em seu livro, Yanes (2004) reserva um subcapítulo inteiro para discutir a definição de entrevista. Inicialmente, o autor faz um compilado das definições de outros teóricos e estudiosos da área, como por exemplo, Gabriel García Márquez, que define a entrevista como o “gênero mestre”, visto que é a fonte pela qual se nutrem todos os gêneros jornalísticos. Por fim, Yanes conclui que a entrevista é um gênero do jornalismo informativo, que reflete as respostas de um personagem, cujas opiniões, devido a sua relevância social, o cargo que ocupa, ou o seu envolvimento em feitos da atualidade informativa, são de interesse geral.

Halperín (2008) também se debruça sobre a técnica da entrevista, em seu livro, o autor comenta sobre os entrevistados, dá dicas de como lidar com diferentes situações, enfim, esmiúça a arte de entrevistar, e tenta ensinar como conseguir conquistar uma boa entrevista, ou seja, como ele mesmo diz, “mostrar a face oculta da lua”.

Diferente do que muitos possam imaginar, o jornalismo opinativo foi o berço do jornalismo informativo, tal qual conhecemos atualmente. O uso da opinião ao informar não é exclusividade dos dias atuais, muito pelo contrário, os primeiros jornais nasceram repletos de comentários e opiniões. Contudo, forças políticas caminharam para que a produção jornalística passasse a ser predominantemente informativa, restando uma mínima parcela de opinião nos meios de comunicação.

Após uma análise nos modelos de classificação de gênero de outros países, Marques de Melo (2003) propõe e descrever os gêneros opinativos presentes no jornalismo brasileiro. Segundo o autor, os textos que apresentam opinião são: o editorial, o comentário, o artigo, a resenha ou crítica, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta.

Para o presente trabalho, apoiou-se no gênero opinativo caricatura - quando a informação não se limita a palavra, mas incorpora a imagem como instrumento de opinião. É uma maneira de expressão artística por meio do desenho que tem como finalidade o humor. Essa comunicação é procurada por aquele leitor que quer se informar rapidamente, apenas passando os olhos pela publicação.

É preciso diferenciar as imagens opinativas, no caso, a caricatura, das imagens informativas, como mapas, gráficos e desenhos os quais fazem apenas um registro



simbólico dos fatos. Já a caricatura é encarregada de realizar um julgamento, uma manifestação explícita da opinião.

Para isso, Marques de Melo (2003) identifica dois fatores socioculturais para justificar o surgimento das caricaturas e o uso do humor como recurso jornalístico: o avanço tecnológico nos processos de reprodução gráfica e a popularização do jornal como veículo de comunicação coletiva.

Observamos que o recurso da caricatura representou uma necessidade social de um jornalismo que ampliava o seu raio de ação, ganhando novos contingentes de leitores. O novo público da imprensa continha segmentos que não haviam tido o privilégio da educação formal continuada e cuja percepção dos acontecimentos exigia processos descritivos mais eficazes e motivadores. (MARQUES DE MELO, 2003, p.164)

É com traços exagerados de expressão, causando humor que o desenho dá origem a um seguimento do jornalismo – “o jornalismo caricato – destinado à sátira política e social” (MARQUES DE MELO, 2003, p.165).

Portanto, o uso do humor, além de chamar atenção pela sua forma pitoresca de ser, também colabora para o entendimento de questões mais complexas pela parte menos favorecida da população. Além disso, a caricatura contribui para humanizar e popularizar certas personalidades da sociedade, Marques de Melo destaca como exemplo deste recurso a imagem de Pedro II, no passado, e de Lula e Maluf, nos dias atuais.

A caricatura pode ser dividida em quatro espécies diferentes: a caricatura propriamente dita, ou seja, retratos humanos ou de objetos com traços desproporcionais com a finalidade de fazer rir e expressar ironia; a charge, que é a ilustração de determinado fato pela ótica do desenhista, pode ser apresentada com apenas imagens, ou imagens combinadas com textos; o *cartoon*, apesar de ser vinculado com o momento presente e representar uma crítica severa, não são utilizados personagens ou fatos reais; e o *comic*, que é a conhecida história em quadrinhos.

Marques de Melo ressalta que o *cartoon* e o *comic* não são gêneros jornalísticos, pois, ultrapassam a fronteira do real e do imaginário, não apresentando limites de tempo e espaço. Já a caricatura e a charge têm um referencial verídico, sua legitimidade humorística vem do real e flagra as expressões cômicas do dia a dia. “Ambas as espécies só adquirem sentido no espaço jornalístico porque se nutrem dos símbolos e



valores que fluem permanentemente e estão sintonizados com o comportamento coletivo” (MARQUES DE MELO, 2003, p.168).

O autor menciona as imprensas caricatas pioneiras no Brasil, as quais surgiram ainda nos primeiros anos do século XIX. No entanto, esse gênero ganhou intensidade no início dos anos de 1960, representado pelo semanário Pasquim, publicação de resistência ao militarismo vivido no país.

Marques de Melo empresta as palavras do humorista Millôr Fernandes, ao descrever que publicação Pasquim tinha como única finalidade executar uma crítica geral e democrática a tudo e todos. Sendo que a maioria dos redatores do semanário não tinham ligações políticas, religiosas, econômicas com nenhum grupo. Por isso, agora nas palavras do próprio Marques de Melo (2003, p.171), o autor define o Pasquim como um exemplo completo do jornalismo caricato: “o traço e o texto, lado a lado, ironizam o cotidiano, satirizam os protagonistas da notícia, registram com humor a emergência de um novo projeto de sociedade”.

É importante salientar que a descrição feita por Marques de Melo sobre jornalismo caricato limita-se a produções jornalísticas impressas, e, de acordo com o autor, não podem ser aplicadas ao mundo televisivo. Contudo, deve-se ressaltar que a obra de Marques de Melo foi escrita há quase duas décadas, tendo ocorrido muitas mudanças tecnológicas e de conteúdo desde então. Portanto, analisa-se a seguir o programa humorístico televisivo “The Noite com Danilo Gentili” a fim de comprovar que foi alcançado o gênero caricato na televisão, identificando no programa as mesmas características que o autor identificou, por exemplo, no semanário Pasquim.

### **3 The Noite com Danilo Gentili**

O programa “The Noite com Danilo Gentili” é o sucessor do programa “Agora é Tarde” apresentado pelo humorista na emissora Bandeirantes. Contudo, por questões financeiras e ideológicas, praticamente toda a equipe participante do programa saiu da Band e foi contratada pelo SBT. O programa manteve os moldes de seu antecessor, seguindo a linha de *late night talk show*.

Após vários boatos sobre a nome da atração, em 22 de janeiro de 2014 foi divulgado o nome oficial do programa: “The Noite com Danilo Gentili”. O nome é um trocadilho com o artigo “the” do inglês, que sonoramente é igual a palavra “de” brasileira. A estreia foi em 10 de março de 2014, tendo como primeiro convidado o também humorista Fábio Porchat.



A equipe, que já contava com Danilo na apresentação, a banda Ultraje a Rigor, os humoristas Léo Lins e Murilo Couto e a assistente de palco Juliana Oliveira, ficou completa com a contratação do locutor Diguinho Coruja. Apesar de o programa ser majoritariamente apresentado por Danilo, toda a equipe tem liberdade para comentar, fazer piadas, dar opinião, independente do quadro ou entrevistado que estiver presente.

“The Noite com Danilo Gentili” é exibido de segunda a sexta-feira a meia noite. O principal quadro é o de entrevista, tem duração média de vinte minutos e conta com as mais diversas personalidades religiosas, políticas, da música, da televisão, do rádio, da internet, do teatro, do esporte, entre outros.

O programa geralmente começa com um monólogo do apresentador, que reproduz alguma informação que esteve ou não em destaque na mídia nacional, e em seguida, tece um breve comentário, ironizando ou ridicularizando a situação. O talk show conta ainda com outros quadros, como a “Rodada da Noite”, “Leite Show”, “Cyberbullying”, “O Mestre Mandou”, “Curiosidades do The Noite”, “Comentando os Comments”, “O Homem do QI 200”,

O quadro de entrevista do “The Noite com Danilo Gentili” já recebeu os mais diversos convidados. Depois de um ano no ar, Danilo coleciona uma longa lista de famosos e anônimos em diferentes áreas, como por exemplo, Milionário & José Rico, Zezé de Camargo & Luciano, Eduardo Bolsonaro, Aloysio Nunes, Luciana Genro, Pastor Silas Malafaia, a seleção brasileira de handball feminino, o lutador Anderson Silva, entre tantos outros.

#### **4 A Notícia “bem humorada”**

No dia 19 de agosto de 2014, Danilo recebe o professor em computação e especialista em criptografia e segurança computacional, Diego Aranha. A temática abordada foi a segurança das urnas eletrônicas no Brasil, o professor relatou com detalhes suas experiências com o software da urna, descrevendo as falhas por ele identificadas.

Observou-se uma entrevista quase que totalmente jornalística. A grande relevância e o ineditismo da temática, o interesse público envolvido, o convidado especializado no assunto e com histórico e experiências para comentá-lo, contribuíram para a seriedade da entrevista. Além disso, visto o posicionamento político do apresentador e do programa, notamos um esforço da equipe em tratar o convidado e o tema abordado com grande importância, sobretudo, considerando o contexto em que o



programa foi exibido, a pouco menos de dois meses do primeiro turno das eleições presidenciais.

Além disso, o molde mais livre do programa de Danilo Gentili permitiu que um assunto tão polêmico, e pouco, ou quase nada comentado na grande mídia, tivesse espaço em uma mídia de massa – a televisão, com liberdade para debate e, principalmente, com um linguajar simplificado, atingindo a maioria dos telespectadores.

O engajamento do convidado não exige muitos esforços de Danilo para conseguir as informações que deseja, é visível o interesse de Diego Aranha em compartilhar as informações e os estudos realizados. Portanto, o principal papel do programa, nesse caso, foi oferecer espaço para discutir a temática, e explicá-la com detalhes ao público. Notou-se isso através das intervenções do apresentador, pedindo que o convidado especificasse os conceitos utilizados e comparasse as informações com situações rotineiras para que a população comum compreendesse exatamente do que se tratava o debate.

Em uma análise quantitativa, também constatou-se um caráter predominantemente jornalístico, visto que do total de 19 perguntas realizadas por Danilo e seus companheiros de equipe ao longo do quadro, apenas uma foi humorística, e ocorreu no final da entrevista, reforçando o caráter sério e jornalístico dessa entrevista. Já na entrevista de vinte minutos com a candidata a presidência nas eleições de 2014, Luciana Genro, observa-se, claramente, a relevância jornalística e o interesse público envolvido em uma entrevista com um presidenciável em época de eleições. No entanto, além de ser mais uma oportunidade para um candidato se apresentar e divulgar suas ideias aos eleitores, o formato do programa de Danilo Gentili abre espaço para perguntas inusitadas e diretas, incomuns aos modelos padronizados do telejornalismo brasileiro, e que permitem debater diferentes temáticas das que a grande mídia aborda.

Esse molde diferenciado é favorável tanto ao público, que passa a ser mais representado nas perguntas sinceras de Danilo, como, por exemplo, quando ele questiona se ela realmente acredita que suas ideias são passíveis de realização. Tanto para a candidata, que tem a chance de apresentar suas principais propostas de governo, e não apenas discutir assuntos polêmicos relacionados à legalização das drogas, do aborto e do casamento homossexual, como frequentemente era rotulada em outros meios.

Como menciona Halperín (2008), uma boa entrevista é aquela capaz de mostrar a face oculta da Lua, ou seja, consegue apresentar características do entrevistado que estavam “escondidas”. Na entrevista com Luciana Genro, observamos certo sucesso de





Danilo em expor informações e características da candidata que até então não haviam sido exploradas em outras entrevistas, como, por exemplo, a divulgação do plano econômico para o país, quase nunca citado nos outros meios, até situações pessoais, como a revelação de que a convidada já fizera uso de drogas ilícitas, e a possibilidade de falar abertamente sobre a temática.

Ao fim do quadro, mesmo parecendo uma brincadeira sem finalidade, Danilo realiza uma entrevista ping-pong com a convidada, com questionamentos corriqueiros e sem sentido. Contudo, isso não ocorre sem razão. Além de aliviar qualquer possível tensão devido às perguntas árdas, funciona também como um recurso de humanização, como se o convidado se aproximasse do público.

Analisando os números da entrevista de Luciana Genro, notou-se que foram realizadas 16 perguntas jornalísticas e 12 humorísticas. Entre as seis entrevistas analisadas, essa é a que tem um maior equilíbrio entre questionamentos sérios e humorísticos. Contudo, isso não quer dizer que o resultado final não tenha sido positivo. Pelo contrário, considerou-se que a maioria da entrevista teve perfil jornalístico, e o maior número de perguntas humorísticas é justificado pela conversa ping-pong que aconteceu no minuto e meio final, ou seja, em um curto espaço de tempo, foram realizados vários questionamentos em tom de brincadeira.

No programa de véspera de Natal, Gentili entrevista três líderes religiosos: Padre Antônio Maria, da Igreja Católica Apostólica Romana, o Pastor Ed René, da Igreja Batista, e o Padre Basílio, da Igreja Ortodoxa Grega, em uma conversa que dura quase trinta e cinco minutos. O apresentador recebeu seus convidados em uma mesa de ceia, com comidas reais que são servidas ao longo da conversa. Também integraram a mesa os humoristas Léo Lins, Murilo Couto e o locutor Diguinho.

De início, pode-se enfatizar o ineditismo de um encontro como o proporcionado pelo “The Noite com Danilo Gentili” para debater uma temática tão polêmica. Dificilmente será encontrado outro programa na grade de qualquer outra emissora da televisão aberta que comportasse um encontro como esse. Notou-se, também, a diversidade de informações e assuntos que o perfil do *talk show* permite, assim como a liberdade com que os convidados conversaram e expressaram sua fé, arriscando até algumas piadas.

Mesmo com a presença de três convidados, Danilo consegue guiar de forma equilibrada a entrevista, e garante que o programa tenha um tom informativo e não de rivalidade entre as religiões. Analisando os dados quantitativos da entrevista, constatou-



se um total de 27 perguntas, sendo que apenas três tinham um tom humorístico e o restante apresentava finalidade jornalística.

Após assistir à entrevista com o Cafu, identificou-se um serviço social, pois um considerável tempo foi utilizado para apresentar a fundação sem fins lucrativos do jogador, mas também, comentários e críticas sobre futebol, dentro e fora do campo. Pode-se considerar a conversa como um legítimo jornalismo esportivo de opinião, pois com muita segurança e autoridade, o capitão do pentacampeonato não fugiu dos questionamentos de Danilo, nem mesmo dos mais ácidos. E ainda, ao final, foi trabalhada a vida pessoal e profissional do jogador, que por si só já tinha muita história para contar.

Em números, observou-se a existência de 23 questionamentos jornalísticos, de um total de 31 perguntas no programa todo, ou seja, oito perguntas foram realizadas com um tom de brincadeira, o que pode ser considerado um número baixo, visto que qualquer jornalismo esportivo tem como característica certa leveza narrativa.

Já os convidados Gabriel Neves e Ricardo Geromel são boas surpresas. Ambos anônimos, souberam compartilhar suas histórias e experiências e garantiram ao público informação de qualidade e incentivo.

Danilo, ao apresentar Gabriel e sua história, parece lisonjeado de poder divulgar o feito do menino a todos. Gabriel, que ficara cego aos cinco anos devido a um erro médico, foi campeão de um campeonato de vídeo game em um dos principais encontros sobre o tema.

O grande diferencial do apresentador nessa entrevista não é apenas ter encontrado uma boa história para contar, mas a forma com que ele o faz. Ao fazer piadas com o convidado, jogar de igual para igual no videogame e não ficar usando eufemismos para mencionar a deficiência visual, Gentili permite que Gabriel fique marcado pelas suas conquistas e não pela dificuldade. A história do jovem serve também como uma lição de vida para todos que assistem o relato do sucesso de Neves e observam a tranquilidade com que ele trata a cegueira. Descrevendo em números, a entrevista de Gabriel Neves contabilizou um total de 28 questionamentos, dos quais apenas dois não apresentavam relevância jornalística.

Por fim, a entrevista com Ricardo Geromel, um dos responsáveis pela edição sobre os bilionários e milionários da revista Forbes, mostra se uma curiosa conversa. De início, o que parecia que ia ser um bate-papo sobre “fofocas dos bilionários”, apresentou-se capaz de discutir e explicar o funcionamento do mercado de ações,



frequentemente mencionado por vários jornais, mas pouquíssimas vezes é esclarecido com detalhes, além de um debate sobre empreendedorismo e uma reflexão sobre as atitudes em comum dos bilionários no sentido de incentivar e aconselhar o público. Tudo isso, sem deixar de lado informações curiosas e incomuns relacionadas à temática.

De forma quantitativa, pode-se notar que essa foi a entrevista com maior número de questionamentos - um total de 42 perguntas, das quais 32 apresentavam interesse jornalístico. Esse alto número de perguntas, comparada às outras entrevistas, é justificado pelo assunto abordado. Ou seja, por várias vezes o convidado respondia com termos do mundo econômico, então Gentili interagiu questionando o que significava certo termo ou conceito, pedindo por exemplos.

Mencionado a relevância das temáticas, a função social cumprida pelas entrevistas, o ineditismo dos convidados e das temáticas, outra análise que se mostra interessante é a quantitativa. Após examinar detalhadamente cada uma das seis entrevistas, construiu-se a tabela seguinte para poder realizar uma análise mais prática.

<b>Análise quantitativa das seis entrevistas</b>	
Duração total das entrevistas	2h 11min 47s
Total de perguntas	175
Perguntas jornalísticas	139
Perguntas humorísticas	36

Como é possível observar na tabela, notou-se uma supremacia de questionamentos jornalísticos, ou seja, 139 perguntas do total de 175 representam cerca de 80%. De forma simplista, pode-se afirmar que 80% do quadro de entrevistas do programa são totalmente de cunho jornalístico, e apenas 20% apresentam um tom mais humorístico.

Esses dados reforçam a análise de conteúdo realizada nas seis entrevistas e fortalecem a hipótese inicial desta pesquisa, a qual pretendia comprovar que o humor pode ser utilizado como recurso colaborador no fazer jornalismo. E ainda, que o quadro de entrevistas de Danilo Gentili pode ser classificado como gênero opinativo – jornalismo caricato.

## **5 Considerações Finais**



Este trabalho foi incentivado a partir de uma opinião pessoal e específica sobre o programa “The Noite com Danilo Gentili”. O interesse particular do uso do humor no jornalismo e a discordância de várias críticas dirigidas ao *talk show* estimularam o estudo aprofundado sobre teorias do jornalismo e sobre as características do jornalismo opinativo.

Certos de estar em uma temática polêmica, os resultados surpreenderam ao identificar tanta compatibilidade entre as teorias jornalísticas apresentadas por Pena (2005) e Traquina (2005), as características do gênero opinativo caricato proposta por Marques de Melo (2003) e as técnicas de entrevistas formuladas por Yanes (2004) e Halperín (2008) com as entrevistas analisadas do programa de Danilo Gentili.

Com os conhecimentos adquiridos e reforçados pelo estudo bibliográfico dos autores citados acima, entre outros, confirmou-se a hipótese ao longo do trabalho de que é possível o uso do humor no jornalismo sem interferir no desempenho desse, e ainda, de que o humor, entre outros recursos como a ironia e sátira, colaboram para o fazer jornalístico. Focando em nosso *corpus* de análise, comprovou-se quantitativamente e qualitativamente que o gênero aplicado no quadro de entrevistas do “The Noite com Danilo Gentili” era o gênero opinativo – de jornalismo caricato.

A presente pesquisa não defende que o programa de Danilo Gentili seja completamente telejornalístico, mas acredita que o mesmo é capaz de cumprir as mesmas funções sociais de um noticiário televisivo, em especial, o quadro de entrevistas do *talk show*. E, por algumas vezes, mostra-se mais eficaz na tarefa de se fazer entender e alcançar o maior público possível. Pois o humor é capaz de ultrapassar fronteiras que recursos padrões dos telejornais não permitem.

Outra característica que identificou-se como positiva é a diversidade de temáticas e de convidados do programa. No entanto, a produção costuma acompanhar a agenda social, por exemplo, na época das eleições foram convidados uma candidata à presidência e um especialista em urna eletrônica.

Contudo, apesar de seguir uma agenda social, Danilo se destaca pelo tratamento singular que dá a temas comuns que são debatidos nos mais diversos formatos televisivos, mas que apenas em seu *talk show* alcançam a maioria do público e oferecem determinada reflexão. A liberdade de expressão oferecida pelo estilo do programa, do apresentador e, pelo horário que é exibido, parece relaxar os convidados, garantindo uma conversa franca, com um vocabulário simples, e quando não acontece, o



apresentador repete termos e conceitos desconhecidos e pede uma nova explicação para o convidado.

Talvez, pelo fato do apresentador ser conhecido pela acidez e sinceridade com que faz as perguntas, os convidados que aceitam participar do programa vão cientes de que serão indagados pelas mais diversas temáticas. Graças a essa consciência, os entrevistados aparentam maior disposição e preparo para responder e debater assuntos pessoais e/ou polêmicos.

Apesar do clima mais leve do “The Noite com Danilo Gentili”, tanto na análise qualitativa como na quantitativa, observou-se um compromisso do apresentador com a informação, de modo que as brincadeiras não atrapalham a compreensão do assunto debatido, e por vezes, colaboram para o entendimento. O apresentador costuma utilizar-se de breves comentários irônicos, cômicos ou debochados para criticar ou enfatizar algum tema que ele julgue que merece atenção.

Além de considerar o formato e o estilo do programa, é preciso ponderar sobre o contexto que o *talk show* é produzido, ou seja, dentro de uma emissora conhecida por não apresentar muitas restrições políticas e ideológicas aos seus contratados, aliado ao perfil ímpar do apresentador Danilo Gentili.

Assim sendo, as disposições finais dessa pesquisa indicam que a sátira, a ironia e o humor podem agregar à construção de uma narrativa jornalística, assim como colaborar com a construção da opinião pública, mesmo que estejam relacionadas com o irreal e a diversão.

Por fim, ao aprofundar-se nos estudos teóricos do jornalismo caricato, encontram-se argumentos para defender e comprovar não só a nossa proposição inicial, bem como, identificam-se outros quadros do programa e na relação com o público nas mídias sociais um caráter jornalístico. Contudo, essas possíveis análises ficam como sugestão para uma próxima pesquisa. Por fim, espera-se ter colaborado para o desenvolvimento do saber científico jornalístico, incentivando novos estudos na área aqui tratada, a fim de enriquecer e diversificar a prática jornalística.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Marcio; FACÓ, Katiuska Macedo. Quem ri por último ri melhor? Uma análise do humor na hipermodernidade a partir do programa “Custe o que Custar”. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, nº1, p. 54-64, janeiro/abril, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6880/5003>>. Acesso em 22 out. 2014.



BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual do Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Campus, 2002

BRASLAUSKAS, Ligia; FLORESTA, Cleide. **Técnicas de reportagem e entrevista em Jornalismo: roteiro para uma boa apuração**. São Paulo: Saraiva, 2009.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura brasileira: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c.1970)**. 2007. 248f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2007.

FERREIRA, Raquel Marques Carriço; SANTOS, Adriana. NERI, Carlos. Política é coisa séria: o cenário político brasileiro na visão do programa humorístico Custe o que Custar (CQC), uma contribuição social por trás das brincadeiras. **Revista Temática**, Ano VIII, nº 12. Disponível em: <[http://www.insite.pro.br/2012/dezembro/politica\\_humor\\_cqc.pdf](http://www.insite.pro.br/2012/dezembro/politica_humor_cqc.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2014.

HALPERÍN, Jorge. **La entrevista periodística: intimidades de la conversación pública**. 2ª edição. Buenos Aires: Aguilar, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo Brasileiro**. 3ª edição. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NERIS, Natalie Louise Carvalho. Humor e Jornalismo: Gênero, Sub-gênero ou Formato Televisivo? Uma análise do CQC. In GRUPO DE DISCUSSÃO IMAGEM E SOM DO X SEMINÁRIO DE ALUNOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 2013, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos on-line**. Rio de Janeiro: PUC, 2013. Disponível em <<http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2013/11/10.-Natalie-Neris.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2014.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **O riso e o siso do "Programa do Jô"**. A televisão como canal de informação e entretenimento. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/paiva-claudio-riso-siso-programa-jo.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2015.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

SILVA, Fernanda Maurício da. Talk show: um gênero televisivo entre o jornalismo e o entretenimento. **Revista E-compós**, v.12, nº1, jan/abr. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/289/315>>. Acesso em: 10 mar. 2015

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2ª edição. Florianópolis: Insular, 2005.

YANES, Rafael Mesa. **Gêneros periodísticos y géneros anexos**. Madrid: Fragua, 2004.